

DE NOVO EM CASA, E AGORA, O QUE A GENTE FAZ COM ELES?

(Alguns fatos que os pais de intercambistas que estão retornando devem procurar analisar)

“Oba, eles estão de volta!”

É, as *crianças* chegaram, o Programa de Intercâmbio terminou e tudo será como antes....

Bem, isto é o que você pensa.

A *criança* que você levou ao aeroporto, há um ano, hoje é um jovem adulto, uma pessoa que provavelmente mudou muito. Uma pessoa que deve estar meio confusa também sobre onde é a “sua casa”. Além disso, não imagine que o Programa de Intercâmbio terminou: sob muitos aspectos, os efeitos dele nos filhos e nos pais estão apenas começando.

É no momento que os intercambista retornam ao Brasil que pais e filhos começam a experimentar um fenômeno que denominamos de “Choque Cultural Reverso” ou “Choque de Reentrada”, uma fase de natural desorientação que a pessoa vive ao voltar para a sua sociedade de origem, após viver um período mais ou menos longo no exterior.

Esse “choque” pode seguir um curso previsível, com fases que a gente é capaz de classificar, mas também pode assumir características absolutamente singulares e novas, dependendo da personalidade de cada um e do seu relacionamento com as pessoas que o cercam. Pode durar algumas semanas, em certos casos, ou se estender por vários meses. Pode ser facilmente reconhecido ou passar tão despercebido que até pessoas íntimas sejam capazes de ignorá-lo.

Só uma coisa é certa: se o seu filho ou sua filha teve o tipo de experiência positiva que você desejou e fez tudo para oferecer a eles, como intercambista, prepare-se agora para viver, ao lado deles, o “choque de reentrada”, uma experiência fascinante tanto para os pais quanto para os filhos.

Se não estiver preparado, às vezes será difícil, até aborrecido, e você poderá perder a paciência com seu filho ou sua filha. Por isso, vale a pena conhecer um pouco sobre esse fenômeno, que não acontece apenas com rapazes e moças, mas também com missionários, diplomatas e outras pessoas que regressam de uma longa permanência no exterior e geralmente passam pelas seguintes fases de reajustamento no Brasil:

1 - *Euforia*

Um entusiasmo que parece inesgotável (e muito conservador) com as experiências que viveu, além da certeza de que agora se tornaram “cidadãos do mundo”.

2 - *Hostilidade e rejeição*

Insatisfação generalizada com quem encontrou no Brasil: nossa sociedade, nossos costumes, valores, comportamentos privados e públicos, nossa economia, etc...

3 - *Negação e reverso*

Atitude oposta à do que item anterior, leva o jovem a agir como se nada tivesse mudado, nem ele mesmo. Procura demonstrar sua alegria por estar de volta e encontrar tudo como era antes, sem qualquer dificuldade para se readaptar.

4 - *Adaptação final*

Habilidade para conjugar o que o jovem agora sabe tudo do mundo e de si mesmo com a nova maneira que tem de encarar a sua própria cultura, os valores de sua sociedade de origem e tudo aquilo que aprendeu e viveu no exterior. Só neste momento ele será realmente detentor de uma cultura dupla e terá realizado um imenso passo no caminho do seu próprio amadurecimento como pessoa.

Todos nós gostaríamos talvez de saltar logo para a fase número 4, imaginando que nossos filhos já chegaram a ela no momento em que desembarcaram do avião. Mas nem tudo é assim tão simples, pois a reentrada é um processo, às vezes mais longo e complexo que o de adaptação ao país estrangeiro.

A seguir, listamos alguns dos sentimentos mais comuns que seu filho ou sua filha poderão expressar, no período de reentrada. São sentimentos que os jovens às vezes relutam em expressar, embora não sejam danosos ou raros:

- Meus pais não me entendem. Ainda pensam que sou aquela mesma criança que era quando viajei.
- Às vezes me sinto mais próximo da minha família de lá do que desta de cá. Meus pais ficarão aborrecidos ou chocados se perceberem isto.
- Está sendo muito difícil, para mim, viver aqui de acordo com o meu antigo sistema de vida. Aqui tudo é devagar, as pessoas não entendem as coisas que eu falo.
- Fiz tantos amigos lá fora e, agora, nunca mais vou revê-los.
- Eu não gosto daqui, não gosto disso aqui. Vou voltar para lá.
- Não tive lá fora um período fácil. Agora, todo mundo fica aí falando de como foi ótimo a minha experiência. Eles nem têm idéia do que eu passei, não sabem de nada!
- Meus amigos de antes não são os mesmos. A gente não tem mais nada em comum.

ROTEIRO PARA UMA BOA TRAVESSIA

As sugestões que se seguem podem auxiliar você e seus filhos a atravessarem com maior facilidade esse período de readaptação. Embora muitos prefiram confiar mais nos instintos maternos e paternos, a experiência de quem estudou o desenvolvimento dos intercâmbios é sempre um bom guia:

A - *Seu filho mudou*

Mesmo que tivesse permanecido no Brasil durante o último ano ele teria mudado, ainda que essa transformação parecesse mais gradual, pois você estaria acompanhando o dia-a-dia dele. Parte do “choque” vem exatamente desse distanciamento de um ano.

B - *Vocês mudaram*

Não apenas vocês, os pais, mas outras pessoas da família. O intercambiado que volta pode dizer isto na forma de queixa, de crítica. Ele terá que entender, aos poucos, que a vida é assim mesmo: a vida não pode ser congelada por um ano, à sua espera, como um *vídeo tape*. Parte do problema dele em se readaptar pode ser a expectativa de que encontraria todas as coisas e pessoas como eram antes e agora se sente “jogado para o canto”, porque descobriu que tudo mudou.

C - *Uma nova maioridade*

Seu filho se tornou autoconfiante, seguro de si mesmo e independente, características que se confundem com o nosso conceito de maturidade. É natural que surjam agora conflitos entre ele e os pais, na hora de administrar essa “maioridade” recém-adquirida. Não dá mais para impor simplesmente “o que é mais certo” ou a “solução correta”, como você a vê. No final, você acabará mesmo dando maior liberdade que no passado e, ao mesmo tempo, ele terá que aceitar maior controle do que julga necessitar. Vocês aprenderão, juntos, essa arte de administrar um novo relacionamento.

D - *Deixe as festas para depois*

Se não for tarde demais, evite dar grandes festas de boas vindas, logo nos primeiros dias. Elas podem ser esmagadoras, embora oferecidas com as melhores intenções. O cansaço dos vôos, a troca de dieta alimentar, a mudança de clima e de roupas, o afastamento dos amigos que ficaram lá fora, a ansiedade da volta e muitos outros fatores somam-se para provocar desgastes e desorientação. Pequenas reuniões, quando sugeridas pela pessoa que retorna e na oportunidade que ela julgar melhor, são muito mais agradáveis.

E - *O fantasma diante da surpresa*

A melhor readaptação é aquela que se dá de modo lento e gradual, leve e sem correrias ou pressões. Para quem volta e ainda tem que enfrentar, dentro de pouco

tempo, o fantasma do vestibular, tudo será melhor se houver descanso, paz e calma na “reentrada”.

F - *Tolerância diante da surpresa*

Alguns comportamentos, atitudes e idéias do filho ou filha que retorna podem causar surpresas. São coisas como falar incessantemente ou nunca abrir a boca, criticar tudo que diz respeito ao Brasil, revelar-se frustrado porque as pessoas não dão importância ao que se viveu no exterior e outras atitudes do gênero. Tente ser tolerante e compreensivo e verá que tudo isso logo passa.

G - *Valorizar o que se trouxe*

Mesmo que não consiga compreender inteiramente o significado da experiência vivida no exterior por seu filho ou filha, tente valorizá-la, respeitar os seus novos sentimentos, entender que este é um momento difícil também para eles, que procuram se situar numa sociedade da qual estiveram distantes e que hoje vêm com novos olhos.

H - *Outros passaram por isso*

Sempre que possível, mantenha contato com outros intercambiados e suas famílias. A experiência deles pode ser muito útil, e todos lhe dirão que esta é uma fase difícil, mas que sempre acaba bem. Eles lhe dirão que os jovens, nesse período, aproximam-se mais das famílias e ficam mais distantes dos antigos amigos.

I - *A arte de ouvir*

O mais importante de tudo é escutar, escutar, escutar. A necessidade de falar, contar casos, relembrar emoções e revelar experiências é tão grande que às vezes você nem reconhece seu filho ou sua filha. Eles precisam desse desabafo. Outros passam um tempo mais calados do que eram antes, e isto também é normal. A hora de falar virá depois. Não faça pressões.

De qualquer modo, o importante é sabermos que o “choque da reentrada” é um fenômeno normal, previsível e que faz parte da experiência internacional de intercâmbio.

Você que já participa há dois anos do processo do intercâmbio, quando fez a inscrição, e viveu o “aperto” da despedida, os sustos com os telefonemas no meio da noite, a saudade que só ia aumentando ao longo dos meses, as cartas que nunca chegavam e, finalmente, a alegria do retorno, agora tem a oportunidade única de ser a melhor companhia nesta fase de reentrada.

Participe deste momento único da vida do seu filho ou de sua filha. Será uma experiência enriquecedora e inesquecível para toda a família.